



CONCOCE / CONDICE 2010

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

ISSN 2178-485X



## IMAGENS DO CORPO E DA CORPORALIDADE EM “O ATENEU” DE RAUL POMPEIA.

Eduardo Antonio dos Reis<sup>1</sup>

Renato Nésio Suttana<sup>2</sup>

**RESUMO:** Dentro dos estudos efetuados sobre o corpo e a corporalidade, tendo como meio de pesquisa inicial a obra literária *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e também inserido numa proposta que sinalizou um estudo voltado para as atividades físicas no século XIX, seu caráter maniqueísta<sup>1</sup>, sua inserção nos bastidores da educação brasileira, também como não poderia deixar de ser, a importância e a influência do cenário político da época, chegamos assim a um montante considerável de informações e conclusões acerca de algumas problemáticas existentes na sociedade contemporânea. Para obtermos possibilidade de êxito e principalmente para compreendermos melhor a problemática das questões que englobam os para-quês e os porquês da atividade física, sua influência no cotidiano e na vida de quem a pratica – sendo necessário que se entenda por atividades físicas todas aquelas que envolvem de uma maneira global a coordenação motora – fomos então, até a raiz de algumas questões. Para isso, foi extremamente necessário que usássemos, como centro norteador desta pesquisa, a obra *O Ateneu*, clássico literário reconhecido por muitos pesquisadores da área e um divisor de águas na literatura do século XIX. A obra, que retrata aspectos da vida cultural e da família brasileira do século XIX, é impregnada muitas vezes por preocupações de ordem moral e ética. Além disso, nos remete a um cenário político pós-Império, remetendo ainda à ideia de uma sociedade contundida pelo individualismo. Para que toda a pesquisa tivesse êxito, tomamos um cuidado de nos atermos ao caráter conotativo da linguagem literária, para as conclusões e também para a perquirição das mais significantes respostas, que aqui não pretendem ter um fundo de persuasão, mas, sim, se apresentar como função auxiliadora na busca de diretrizes a serem tomadas e que por sua vez, deságüem na qualidade da reflexão final, voltada para o esforço de pensar o ser humano em várias dimensões (cultural, artística, corporal, sociopolítica, etc.). A pesquisa da obra perpassa, assim, por questões como a da educação preceptora<sup>2</sup> individualista, da letargia<sup>3</sup> do processo de consolidação nacional, além da sexualidade e da polêmica sobre a homossexualidade. Esta última parece estar muito presente no micro-cosmo do colégio interno retratado pelo romance, permitindo por sua vez suspeitar que não se trata de menção a uma exclusividade de colégios internos e muito menos também do século XIX, mas de um tema atemporal.

<sup>1</sup> Graduando de Educação Física pela UFGD; pesquisador de PIBIC-UFGD.

<sup>2</sup> Professor adjunto da Faculdade de Educação da UFGD.



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte

I Congresso Distrital de Ciências do Esporte

22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



**Palavras-chave:** Corpo e corporalidade; Educação Física; Ginástica; *O Ateneu*.

Para entendermos o início de todo este processo que globaliza a coordenação motora, é necessário que passemos a conhecer a raiz destas questões, aqui personificadas dentro de nossos estudos como “instituição da educação e sociedade”. É a partir da educação e da sociedade do século XIX, que fomos buscar o alicerce desta pesquisa, para construirmos hipóteses e chegarmos a possíveis conclusões acerca da questão do corpo e da corporalidade no ambiente sociocultural da época. Para isso, ativemo-nos parcialmente às contribuições de autores e estudiosos como Aloísio Azevedo, Machado de Assis, Jose Veríssimo, João Pedro Aquino, Joaquim Menezes de Viera, Marilena Chauí e Carlos Herold Junior, bem como do próprio Raul Pompéia.

Começamos o nosso desbravamento pelas reflexões de Carlos Herold Jr, (2005), em seu texto intitulado “Da instrução à educação do corpo: o caráter público da educação física e a luta pela modernização do Brasil no século XIX”. Dentro do contexto histórico nacional houve no século XIX, segundo Herold Jr., uma série de debates entre educadores e políticos para a formulação das bases do sistema nacional de educação. Esses debates eram de cunho econômico, político, filosófico e principalmente pedagógico, a fim de que pudesse justificar-se as reformulações dos rumos educativos; sendo assim, como não poderia deixar de ser, um dos pontos norteadores dessas discussões também eram as formas adotadas para a realização da educação física no contexto escolar e sua total relevância, uma vez que na Europa e Estados Unidos os educadores vieram a corroborar<sup>4</sup> essa prática no contexto educacional, elogiando-a e por sua vez ditando o que deveria ser seguido nesse setor da educação, com isso fazendo-a legítima e eficaz como processo de construção das sociedades.

Apesar de esse processo de construção social estar mais avançado, no século XIX, nos Estados Unidos e Europa, existe, porém, um consenso de que, independente do continente, a educação física como utilidade social seja fomentada<sup>5</sup> e regulamentada pelo Estado. Porém, aqui vale a pena abrir um parêntese para tentarmos elucidar esse suposto “desenvolvimento” e essa “regulamentação” pelo estado. Para isso, frutuosa e nos atemos a alguns conceitos desenvolvidos por Marilena Chauí sobre ética e política e à explicação que essa autora dá das relações entre o privado e o público no contexto socioeconômico das sociedades. É



justamente nestas duas esferas, segundo a autora, que se ergue a grande muralha a ser transposta, pois é difícil desenvolver o conceito de saúde, de bem-estar, de qualidade de vida, e associá-lo ao desenvolvimento da nação, pois cada indivíduo, dentro da concepção de Chauí (2009)<sup>3</sup>, é considerado um ser privado, então como convencer esse ser privado a mudar seu estilo de vida em prol de uma coletividade? A coletividade, que nos remete diretamente à esfera pública – no caso, o ser do século XIX – instiga o indivíduo a ser senhor de si, isto é, autônomo, dono de seu destino, dono de sua vida, aspectos esses, por sua vez, decorrentes de uma herança burguesa. Portanto, segundo Chauí, o ser privado desse século não aceita a sobreposição do ser público ou da esfera pública. Convencê-lo sem uma ideologia bem elaborada seria mera perda de tempo; ou seja, o período é conflituoso, pois a esfera privada não aceita a sobreposição da esfera pública

Somado aos fatores anteriormente relacionados, equacionamos mais um que contribui para o pensamento singular, contrapondo-se às questões universais, tão veementemente defendidas nos oitocentos, e que é a questão das preceptorias ou das preceptoras que se configuravam como sendo educadoras estrangeiras que estiveram a cultivar a fina-flor da juventude brasileira. Eram preceptoras alemãs, austríacas, francesas, inglesas e suíças que cruzavam o Atlântico, seduzidas por boas propostas de emprego. A profissão de preceptora começou a ser delineada na segunda metade do século XVIII, consolidando-se em princípios do século seguinte. Representou um ramo específico da docência, dedicado à educação no âmbito doméstico. A preceptoria representava a forma mais individualizada de instrução. Como pode ser percebida, a questão singular ou individual é extremamente evidenciada neste século, o que dificulta qualquer assimilação de um direcionamento ideológico coletivo. Essa afirmativa é corroborada por Samuel Barros de Medeiros e Albuquerque, em seu artigo sobre a Preceptoria no Brasil, intitulado “Preceptora(s) alemã(s) na literatura e a historiografia brasileira”. Albuquerque em sua pesquisa diz:

---

<sup>3</sup> As reflexões de Chauí a que nos reportamos foram desenvolvidas em forma de uma conferência intitulada “O drama burguês” e distribuída em vídeo pela TV Cultura e Fundação Padre Anchieta (cf. Chauí, Marilena; Bornheim, Gerd. *O drama burguês*. São Paulo: Editora Bearare, 2009. Série: Ética. Acervo Educacional TV Cultura / Fundação Padre Anchieta).



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



Distantes dos modelos tradicionais de escola, muitos jovens eram instruídos em seus próprios lares, onde passavam a conviver com as preceptoras. No Brasil, essa prática tornou-se comum entre os membros das elites no século XIX, notadamente no Segundo Império, persistindo durante as primeiras décadas da República. (Albuquerque, 2007, p.1)

Segundo Herold Jr, o mesmo autor acredita que

[...] a análise deste recorte do tempo mostra-nos que a distância das idéias dos defensores da educação física no Brasil e na Europa não era grande. Tem-se como pressuposto que a utilização dos mesmos argumentos elaborados por países diferentes para instituir a educação física traduzem também necessidades diferenciadas, confirmando assim, a tese de que, a historia não é linear e nem homogênea, porém, viva em uma totalidade de contexto particulares intimamente relacionados. Essa tese é verificável apenas nas relações que se estabelecem entre o universal e o singular, tendo como natureza expansiva das relações sociais de produção capitalista. (2005, p.240)

Uma das grandes concepções que geravam eco sobre a educação da época era a reforma educacional tão esperada, uma vez que os novos conceitos de educação já eclodiam na Europa. Esta nova concepção de educação está presente numa citação de Jose Veríssimo que diz: “Ensinar somente uma grande quantidade de conteúdos, sem nenhuma aplicação da construção da nação brasileira, é mera perda de tempo” (1985, apud Herold Jr., p.242). As palavras de Veríssimo são contundentes e reveladoras de uma sociedade que se fortalecia cada vez mais, a sociedade européia, e que servia de modelo para as supostas transformações de vários outros continentes, não só no regime político ou no modo de vida, mas também na educação. E esta ultima já contava com a idéia de que os saberes do corpo somados a um novo racionalismo eram extremamente relevantes para a construção de nações consolidadas. Uma outra passagem de Herold Jr. vem corroborar essa suspeita de uma união social em prol de uma construção nacional, que conta com uma forte evidenciação da grande necessidade da atividade corpórea em todo esse processo:

Grandes personalidades políticas e educativas vieram a defender o Estado como fomentador de uma educação do corpo que fizesse o país sair da letargia econômica e política e adentrar no mundo capitalista mais avançado. Para isso, toda uma serie de



pensamentos relativos à educação corporal foi entabulada e tida como responsável pelo engrandecimento social. (2005, p. 243)

Havia, segundo a percepção de Herold Jr., uma grande preocupação com a questão individualista na formação da nação, preocupação que diz respeito ao período entendido entre a queda da Monarquia e a tão esperada República, o que por sua vez pode ser percebido na obra de Pompéia:

Uma coisa o entristeceu, um pequenino escândalo. Seu filho Jorge, na distribuição dos prêmios, recusara-se a beijar a mão da princesa, como faziam todos ao receber as medalha. Era republicano o piralho! Tinha já aos quinze anos, as convicções ossificadas na espinha inflexível do caráter! (POMPEIA, 1977, p. 14)

Como pode ser percebido nesta passagem, as convicções de um novo regime político que tivera êxito na Europa ecoavam por boa parte, principalmente entre camada abastada que era a dos cafeicultores. A saúde era a preocupação ou a palavra de ordem para a construção desta identidade nacional. A partir das reflexões de Herold Jr., nesse e noutros trechos do romance de Pompéia fica explícito o momento transitório pelo qual o Brasil passava, era o momento do fim da autoridade despótica<sup>6</sup> encarnada na figura de Dom Pedro II e o início da República, que englobava em si, a partir dos moldes gregos, uma nova política baseada, a priori, na ética, ou seja nas afirmações do direito fundamental à vida e à liberdade. Tais princípios, baseados na democracia, incluíam em seu contexto o direito à igualdade perante a lei, a isonomia<sup>7</sup>, o direito a expor, discutir e a votar a opinião em público. Sendo assim, este momento de ufanismo<sup>8</sup> teve como seu primeiro representante o Marechal Deodoro da Fonseca.

Porém, no que diz respeito às atividades físicas, grandes latifundiários tinham a concepção de força ou atividades motoras muito ligadas ainda à figura do escravo, e este também foi um dos pontos que esbarravam na tão sonhada educação física no contexto escolar, entre outros é claro, que são desenvolvidos na proposta desta pesquisa.

Dentre vários pontos que norteavam as questões e discussões sobre o corpo no século XIX, e aqui ainda sem sair dos debates para a legitimação da educação física brasileira, estava a elaboração do “Congresso da Instrução (1883)” que segundo Herold Jr., apesar de ter sido pensado, nunca saiu do papel. Porém, varias formulações e idéias já estavam elaboradas para serem apresentadas nesse congresso – idéias que aproximavam sempre, de uma forma geral, a



diferença ou os atenuantes entre instruir e educar. Neste mesmo período, é necessário também não deixarmos de evidenciar a contribuição do autor de *O Ateneu*. Pompéia, em sua obra, tem o mérito de ser contemporâneo e relevante para a sua época, assim como Machado de Assis também o foi (esta autor será abordado mais à frente, dentro de um contexto corpóreo dicotômico<sup>9</sup>).

Pompéia captou com maestria o momento em que a necessidade de redirecionamento da sociedade e da educação brasileira se evidenciava. Cabe aqui também elucidar que esse momento transitório bem-sucedido teve um grande respaldo da elite cafeeira paulista e das forças armadas. Esta última, por sua vez, tem um papel fundamental na estagnação sob qual a educação física brasileira esteve debruçada por muito tempo (do ponto de vista de concepções mais contemporâneas da atividade educativa), já que, após a conquista da legitimação da educação física, a mesma ficou muito tempo exposta ao arbítrio da instituição militar, isto é, muito tempo exposta ao caráter puramente instrutivo das atividades físicas, descartando o lado moral e educacional que o trabalho motor merecia e que lhe daria respaldo para a construção nacional.

Antes de desenvolvermos as idéias e conclusões sobre o estilo de vida do século XIX, dentro da obra de Raul Pompéia, e de suas personagens e, aí, principalmente da personagem Sergio, que contribui e legitima o presente estudo e a pesquisa – que parte de um estudo voltado para as questões políticas e religiosas, as questões morais e éticas, e também sem deixar de focar a visão do corpo e da corporalidade<sup>10</sup> –, seria ainda de bom alvitre desenvolvermos as idéias de alguns autores quanto ao “Congresso da Instrução (1883)”, porque são bastante provocativas para a pesquisa em questão e para todos os estudantes de cursos de Educação Física, uma vez que remetem também, entre outras coisas, à dicotomia que teve seqüelas até meados do século XX, mas precisamente até a década de oitenta.

Os pareceres desse Congresso, citados por Herold Jr, permitem visualizar qual era a direção a ser tomada nas buscas das tão esperadas reformas educacionais, que iam desde as crianças mais novas até a formação acadêmica, de cientistas e profissionais liberais em diferentes ordens. Alguns dos autores desses pareceres se inspiraram, entre outros, em autores como Michel de Montaigne, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, para que suas idéias tivessem respaldo e credibilidade. Sendo assim, vejamos o que diz Vieira sobre a necessidade



de reformulação educacional. O autor centra o foco de suas formulações na educação infantil, entendendo que está ali o alicerce de uma nação forte:

Para que o jardim de infância, constitua a base da escola primária e supra a insuficiência material e espiritual das famílias, cumpre que organize-se conforme o método de Froebel; cultive racionalmente as forças physicas, intellectuaes e Moraes” (Congresso da Instrução, 1883, p. 3, *apud* HEROLD Jr, 2005, p.245)

Nas palavras de Herold Jr., a proposta de Vieira estaria baseada numa metodologia que constitui-se em “conversas morais e instrutivas, jogos, brinquedos, cânticos, exercícios manuais de construção, de modelação, de recortes, de traçado, de desenho (...)” (Congresso da Instrução, 1883, p.3, *apud* HEROLD Jr, p.245-246.)

Como pode ser entendido, Vieira expressa a preocupação em apresentar uma nova postura para a educação infantil, baseada no movimento, na coordenação motora fina e na expressão corporal inteligente. Quanto a isso, também Aquino vem colaborar as suas afirmações; dizendo: “Devemos rechaçar<sup>11</sup>, por exemplo, a ginástica alemã” (Congresso da instrução, 1883, p. 3, *apud* HEROLD JR, 2005, p.246), pois, segundo seu ponto de vista, a Alemanha, apesar de construir seus instrumentos para imitar situações naturais, acabou por enveredar<sup>12</sup> num culto demasiado à performance, pedagogicamente inviável para atender às novas exigências da educação física. Neste sentido, faz-se necessário também mencionar uma das passagens de *O Ateneu*, que faz menção ao desfile da educação física e que reafirma a questão da instrução, tão rechaçada, e também dos aparelhos, produtos estes menos eficazes para a educação moral corpórea:

Passaram a toque de clarim, sopesando os petrechos<sup>13</sup> diversos dos exercícios. Primeira turma, os halteres; segunda, as maçãs; terceira, as barras. Fechavam a marcha, desarmados, os que figurariam simplesmente nos exercícios gerais. Depois de longa volta, a quatro de fundo, dispuseram-se em pelotões, invadiram o gramal e, cadenciados pelo ritmo da banda de colegas, que os esperava no meio do campo, com certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exercito sob o comando do mais raro instrutor”. (POMPÉIA, 1977, p.16 )

Neste trecho de *O Ateneu* fica clara a teoria do “corpore sano”, bem como a presença de aparelhos e de instrutores de exercícios e não de professores de educação física nos colégios da época.



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



Numa obra como *O Ateneu*, que se envolve muito mais com as questões políticas, filosóficas, morais e éticas da época, o autor consegue contribuir, de uma maneira talvez não tão contundente, mas ainda assim relevante, para a tão esperada reforma educacional. Pois apresenta, nas atividades motoras desenvolvidas dentro deste colégio, o método alemão de ginástica, método rejeitado por aqueles que pregavam uma nova formulação da educação motora e que difundiam a criação da educação física. Uma vez que o método alemão estava voltado mais para a criação de acrobatas, era ineficaz para a educação do corpo, porque não se via o seu aspecto educativo, já que produzia um bando de jovens voltados para a vaidade de sua força, conquistada em prejuízo de atributos tais como os intelectuais e morais. Isto fica claro também na visão que a personagem Sérgio tem como interno, uma visão normativa, sistêmica e dogmática que buscava a disciplina e a “perfeição” através da repetição exaustiva dos mesmos movimentos corporais.

Uma luta incessante se deu, no final do século XIX, pelas novas reformas, posto que a ginástica alemã já estava presente dentro do cenário escolar desde 1860, em decorrência da nomeação de Pedro Guilhermino Meyer, contra-mestre da Academia Real Militar, fundada em 1810. Esse modelo de instrução e de uma não educação corpórea só corroborava a idéia da “dicotomia”, muito conhecida pelos estudiosos da educação motora contemporânea. A dicotomia separa o ser humano em duas divisões não essenciais, que estão entendidas como sendo a mente e o corpo; a primeira sempre relacionada no contexto histórico e defendida por grandes filósofos como Aristóteles e René Decartes como sendo soberana. Uma relevante exemplificação está na famosa frase de Decartes “Penso, Logo existo”; pode-se ver nela que, dentro do conceito corpóreo é nitidamente afirmado o menosprezo da expressão corporal. No entanto, o contexto histórico mostra-nos exatamente o contrario, já que todas as conquistas e batalhas e as lutas pela sobrevivência têm uma grande ou senão total relevância da expressão corpórea. Essa afirmação pode ser evidenciada, por exemplo, na luta pela sobrevivência dos homens pré-históricos, que viam no movimento nômade, na caça e na fuga de animais a essência de sua sobrevivência; está ainda presente nas conquistas de vários povos por Gensis Khan e seu exercito; está presente também na guerra dos cem anos entre os reinos franceses e ingleses e até mesmo, num exemplo mais próximo, que nos trás uma questão de identificação mais imediata, no desbravamento empreendido pelos bandeirantes que andavam a pé, fazendo conquistas de terras e configurando o que é hoje o atual território nacional.



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



Já na obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, que trazemos para a nossa pesquisa nos esforço de mais uma vez nos atermos às obras literárias, achamos uma breve, mas, essencial, contribuição para comprovar o caráter dicotômico evidenciado anteriormente; porem, aqui ele é subentendido como relação entre corpo e espírito, que sinaliza para uma sobreposição de valores espirituais e filosóficos ao corpóreo. Está evidenciação na descrição pessoal que Bentinho, personagem principal juntamente com Capitu, faz para denotar a personagem Escobar:

Era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos , como os pés, como a fala, como tudo. Quem não estivesse acostumado com ele podia acaso sentir-se mal, não sabendo por onde lhe pegasse. Não fitava de rosto, não falava claro nem seguido; as mãos não apertavam as outras, nem se deixavam apertar delas, porque os dedos, sendo delgados e curtos quando agente cuidava tê-los entre os seus, já não tinha nada. O mesmo digo dos pés, que tão depressa estavam aqui como lá. (ASSIS , 1974 p.78)

Pode ser percebida nesta breve descrição de Bentinho uma denotataçõ das características físicas de Escobar. Percebe-se por exemplo a exclusão da característica fundamental das funções intelectuais; sendo assim, nota-se no texto a reminiscencia de ideias que colocam, de uma maneira geral e constante, a superioridade das funções cerebrinas<sup>13</sup> e espirituais ,em detrimento das atividades ou sigularidades corporeas

A antiga educação física ou instrução física representava um atraso para o progresso do Brasil, e um dos grandes colaboradores para que a nação saísse do processo de estagnação no qual se encontrava foi Rui Barbosa. O jurista e orador baiano, lutou pela criação da escola civil de formação de professores de educação física, já que, como dito anteriormente, os colégios ficaram a mercê de uma “educação” militarista, tornando-se assim reduto único e exclusivo do gênero masculino. O tão ambicionado acesso de civis como professores de educação física demorou mais de quatro décadas até estar presente dentro dos contextos escolares, pois somente em 1939, com a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, isso foi possível.

Assim, dentro do contexto educacional a questão da instrução educacional era ferozmente combatida, porque não havia nesta nenhum caráter moralizador. O desenvolvimento de bíceps e tríceps também não tinha nenhum fundamento educativo. Isso



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



pode ser confirmado em uma passagem brilhantemente bem colocada em defesa da criação da nova educação física por Rui Barbosa, que diz:

Isto é claro não quer dizer que o nosso propósito seja inaugurar um forçado sistema de proceder para com os alunos, como se nos propuséssemos a convertê-los em ginastas de profissão ou desenvolver neles especialmente a vocação militar. Convém até, evitar o abuso dos aparelhos, muitos dos quais, estão absolutamente condenados pela higiene. Não pretendemos formar acrobatas nem Hercules, mas desenvolver na criança o quantum necessário ao equilíbrio da vida humana, a felicidade da alma, a preservação da pátria e a dignidade da espécie. (*Apud* HEROLD JR, 2005, p.245)

Quando aqui todos os estudos apontam para a formação de um ser pleno, único e não dicotômico, esperava-se que o ser humano, no século XIX, encontrasse um equilíbrio, pois como já sugerido, “saúde” era a palavra de ordem dentro de todos os debates e principalmente nas idéias ou teorias formuladas para o grande Congresso da Instrução, de 1883. Isto porque, a saúde consciente influencia numa nação sem patologias, sem riscos de problemas cardíacos, por exemplo, ou até mesmo na evitação de problemas mórbidos de obesidade, como aqueles causados por sedentarismo. Era este o pensamento central das discussões que envolviam por sua vez a consolidação nacional. Portanto todos, sem exceções, deveriam ser educados fisicamente. É o que diz, por exemplo, Fernando de Azevedo, em “A poesia do corpo (1915a)”:

Todos, independentemente de classe social, devem ser educados fisicamente. Se no seio da sociedade imperial houve iniciativas na institucionalização da educação física, grande parte delas comungou com uma instrução física. Que não ia ao encontro das novas necessidades. (*Apud* HEROLD JR., 2005, p.248)

Azevedo ainda corrobora todo o processo pelo qual passava a “educação física” brasileira através dos dizeres:

(...) a educação física sem educação moral era interpretada como erro imperdoável. Primando pelo ‘engrossamento do músculo’ e relegando o desenvolvimento moral para as ‘considerações cerebrinas’ da pedagogia, a velha educação física representava o próprio atraso do Brasil. (*Apud* HEROLD JR, 2005, p.248)

A população do século XIX comungou da “cartilha” expressiva do bom caráter, da moral e da ética, muitas vezes influenciada pela figura da igreja, da fé, do fatalismo e da crença do senso comum hereditário, que pode ser e é muito bem elucidado em alguns trechos



de *O ateneu*, como o presente numa fala de Aristarco Argolo de Ramos, que expressa tal preocupação dentro do microcosmo do colégio da fina flor da elite carioca:

Um trabalho insano! Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dá por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sítios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso ser violento, ser firme; trinfar<sup>15</sup> dos sentimentos de compaixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um labor<sup>16</sup> ingrato, titânico<sup>17</sup>, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã..., .Ah! meus amigos, concluiu ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação ...É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade! (POMPÉIA, 1977, p.24)

Essa questão da imoralidade – também ligada ao sentido corpóreo e à sexualidade – está presente também na obra *O Cortiço* de Aloísio Azevedo, que apresenta uma preocupação com o corpo dentro do sistema capitalista, preocupação com a subsistência desse corpo, muito bem representada nas menções das classes sociais do XIX. Vejamos algumas passagens representativas dessa preocupação de Azevedo, no primeiro momento, com a sexualidade deste corpo: "A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela estava pedir homem, mas sustentava ainda a virgindade e não cedia..." (Azevedo, 1981, p.39). Nitidamente, dentro do processo do capitalismo fatídico ao qual estão submetidos os moradores do cortiço, há uma interpretação dualista do uso desse “corpo” no exemplo de Florinda, que alimenta a esperança de sair do processo de miséria no qual se encontrava. Há aí então não somente uma preocupação com o conceito de moral deste corpo como também o conceito de sobrevivência.

Esse conceito de sobrevivência também está nitidamente presente em *O Ateneu*, em uma das passagens em que a personagem Sérgio tem que se fazer forte pra “sobreviver” em meio aos maiores para evitar a depravação imposta aos inocentes, não aceitando supostos favores em troca da submissão sexual, dando margem ao homossexualismo presente naquela instituição. Portanto o corpo tanto em Azevedo como em Pompeia está no limiar das submissões.



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



O XIX, é extremamente conturbado no que diz respeito às atividades físicas e sua colaboração para com o progresso da nação, porque sofre influência de varias escolas ou métodos europeus,. O tão controverso método alemão, já comprovadamente ineficaz em sua concepção de universalidade corpórea, teve fôlego até meados do século XX, mais precisamente até a primeira década deste século, sendo substituído pelo método sueco desenvolvido por Per Henrik Ling (1776-1839), que partia ou subdividia-se, esse método de ginástica, em pedagógico, voltado para saúde evitando os vícios posturais e doenças; militar incluindo aí a modalidade de tiro e esgrima que por sua vez, aciona o mecanismos dos equilíbrios psico e fisiológicos e a médica, que preocupava-se também com as doenças; estética e a fisiologia corpórea. Este método, por sua vez, foi muito bem recebido, até porque deixou seqüelas positivas na contemporaneidade. E foi importante porque evidenciava entre outras coisas os saberes do corpo e as necessidades deste corpo e também a educação para saúde, que foi tão relevante para a consolidação das grandes potências mundiais e que também configuraria sua extrema relevância para a nação brasileira.

Outro método que viria a contribuir com a necessidade do movimento inteligente veio por intermédio da escola inglesa, com métodos voltados para as praticas de jogos e esportes, tendo como um dos seus principais defensores, e aqui não devemos confundir com o criador do método, Thomas Arnold (1795-1842). É desta escola inglesa que, há pouco mais de um século, o regime militar viria a emprestar o slogan máximo da estagnação e da letargia política e social e intimamente do caráter pedagógico da educação física dentro do contexto escolar, a tão famosa frase “esporte é saúde, pratique!”, e que graças a uma nova epistemologia<sup>18</sup>, viria a cair por terra. Pois, os estudos críticos e muito bem fundamentados do final do século XX e inicio do século XXI mostram uma preocupação, naquelas concepções, até mesmo mórbida, quanto aos excessos, desenvolvidos nas atividades físicas, o que configurava um vício, na busca do corpo perfeito. E é de bom alvitre esclarecer que esta nova epistemologia caminha para uma nova ideologia, uma nova ciência, a da ciência da motricidade humana, e que tem dentro de suas práxis maneiras de equacionar problemas diários com o corpo humano ou ate mesmo com partes do mesmo, sem esquecer ainda da localização desse corpo no espaço, estudo que, dentro desta nova epistemologia, é conhecido como inteligência cinestésio-corporal. Torna-se, na contemporaneidade, estudo obrigatório aos acadêmicos e pesquisadores de educação física.



**CONCOCE / CONDICE 2010**  
IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF  
**ISSN 2178-485X**



A ideologia alienadora e muito bem elaborada pelos militares esteve presente dentro do contexto escolar brasileiro, como mencionado anteriormente, até meados da década de oitenta do XX. Funcionou sobre tudo como apaziguador de ameaças ao governo militarista (que tinha como ator principal o general João Figueiredo), pois corpos cansados não desenvolvem o intelecto superior. Torna-se raridade a elaboração de textos com abordagens alternativas que pudessem obter algum sucesso dentro dos contextos escolares brasileiros deste que foi considerado um período de trevas e de censura democrática no Brasil.

Todos os aspectos ou formulações desenvolvidos até então evidenciaram- nos apenas algumas interpretações das entoes plurais respostas que ainda podem ser procuradas nos anos oitocentos, que aqui não tiveram a função de restringir, mas sim de ser uma diretriz na busca de novos entendimentos quanto às propostas apresentadas nesta pesquisa. O século XIX, como se pôde ou se tentou demonstrar, dentro das concepções corpóreas, é mais do que apenas um século a ser desvendado. Este é, acima de tudo, uma época de transição de regimes políticos, que evidencia a tão sonhada autonomia do homem, presente nas características básicas do antropocentrismo. O antropocentrismo, em seus mais amplos aspectos, entabula não só a primazia do homem ou do raciocínio humano como centro de todas as questões, mas também se volta para o corpo deste ser que pensa, isto é, para o movimento e a saúde deste ser que pensa, justificando a compreensão do ser humano expressa na frase que evidencia sua existência: “Penso, logo existo”, que poderia ser escrita de outra maneira, sem o temor de ser piegas: “Existo, porque me movimento”.

O ser humano se descobre como tal, cada vez mais, pela característica básica de poder evoluir, característica fundamental e essencial do pensamento; porém, nenhuma sociedade teria evoluído se não tivesse se movimentado; pois até mesmo o pequeno passo para o homem dado na lua – que se disse ser um grande salto para humanidade – decorreu da funcionabilidade básica do movimento.

Lopes (1986) faz um desafio aos educadores brasileiros: o de utilizar a literatura como fonte e, ao mesmo tempo, faz um alerta: não transformar uma obra de fino espírito crítico (referindo-se a *O Ateneu* de Raul Pompéia), em um “amontoado de princípios, objetivos, conteúdos e métodos”. Pois bem, aceitamos o desafio, ao evidenciarmos que a obra de



Pompéia é contundente e representativa de seu tempo, expressando literariamente o processo político e histórico por qual passava a sociedade brasileira.

Já segundo aconselha Fedatto, em seu artigo “Historia da educação brasileira e a literatura brasileira: uma combinação mais que perfeita”, convém a nós pesquisadores que “ao analisarmos uma obra, não [façamos] a descrição da época em que viveu o autor, embora não ignoremos que toda obra tem uma época própria sem a qual a mesma não se explicaria” (FEDATTO, 2005, p.1)

A autora tem razão na sua colocação. Porém, nessa obra em específico, é de crer que se encontrem sugestões que extrapolem os limites temporais de sua época, o século XIX, é fundamental, permitindo que entendamos melhor a contemporaneidade.

## NOTAS

- 1- Maniqueísta: Diz-se de quem segue a doutrina do persa Mani, que afirma ser o mundo fundamentado em dois princípios opostos, o bem e o mal. Seguidor do maniqueísmo
- 2- Preceptora: profissionais de nível superior, responsável pela integração teoria-prática num campo de estágio e ou residência. Ensina, supervisiona, orienta e conduz o aluno na prática da futura profissão.
- 3- Letargia: s.f., estado mórbido em que as funções da vida estão atenuadas por forma tal que parece estarem suspensas; fig., sono profundo estado de apatia moral ou intelectual, estado de insensibilidade característico do chamado transe mediúnico.
- 4- Corroborar: confirmar, confere, confirmação, comprova.
- 5- Fomentada: s.f., desenvolver, incentivar.
- 6- Despótica: adj., arbitrário, tirânico.
- 7- Isonomia: s.f. Em política, estado dos que são governados pelas mesmas leis; igualdade civil e política; perante a lei. Mineralogia conformidade no modo de cristalização.
- 8- Ufanismo: s.m. (ufano+ismo) espécie de otimismo nacionalista
- 9- Dicotômico: adj. História natural. Que se divide em dois; bifurcado; divisão não essencial corpórea.
- 10- Corporalidade: f. Qualidade daquilo que é corpóreo.
- 11- Rechaçar: v.t. Repelir, fazer retirar ou retroceder, opondo resistência. Fig. Rebater, contestar



**CONCOCE / CONDICE 2010**

IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte  
I Congresso Distrital de Ciências do Esporte  
22 a 25 de setembro de 2010 - Brasília, DF

**ISSN 2178-485X**



- 12- Enveredar: v.i. Seguir por vereda. Tomar rumo, seguir certo caminho; encaminhar-se. Seguir determinado destino: enveredou pelo caminho do mal.
- 13- Petrechos: s.m. pl. O mesmo que apetrechos.
- 14- Águia de Haia: apelido dado a Rui Barbosa, por ser grande visionário e pelo seu poder de olhar longe com “olhos de águia”.
- 15- Trinfar: v.i. soltar a voz (a andorinha) s.m. a voz da andorinha.
- 16- Labor: s.m. trabalho árduo e prolongado; faina, labuta
- 17- Titânico: adj. Gigantesco: esforço titânico. Química relativo ao titânio.
- 18- Epistemologia: s.f. Estudo das ciências, no que cada uma, e o seu conjunto, tem por objeto apreciar seu valor para o espírito humano; teoria do conhecimento; gnosiologia.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *A preceptora: representações em Amar*, verbo intransitivo de *Mário de Andrade*. São Cristóvão/SE, 2007, 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1974.

AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

AZEVEDO, Fernando. *A poesia do corpo*. 1995

CHAUÍ, Marilena; BORNHEIM, Gerd. *O drama burguês*. São Paulo: Editora Bearare, 2009. Série: Ética. Acervo Educacional TV Cultura / Fundação Padre Anchieta.

HEROLD JR., Carlos. Da instrução à educação do corpo: o caráter público da educação física e a luta pela modernização do Brasil no século XIX (1980-1915). In: *Educar*, Curitiba, n. 25, pp. 237-255, 2005.

FEDATTO, Nilce Aparecida da S.F. *Historia da educação brasileira e a literatura brasileira: uma combinação mais que perfeita*, 2005.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 5ª edição, texto integral. São Paulo: Ática, 1977.